

VALOR DOS REPRODUTORES NO MELHORAMENTO DO REBANHO

Prof. OCTAVIO DOMINGUES
Catedrático de Zootecnia da Escola Agrícola
Superior "Luiz de Queiroz"

Assim como o lavrador escolhe a melhor semente para plantar, assim o criador inteligente é aquele que cuida de multiplicar o número dos animais melhores.

Para multiplicar o número dos animais melhores só ha um meio — é o emprego de bons reprodutores. Isso porque o bom reprodutor é a boa semente.

Graças ao fenomeno da hereditariedade, isto é, á *continuidade biológica através das gerações*, o reprodutor, seja o macho, seja a femea — irá continuar-se nos seus descendentes. Estes serão então o que forem seus pais.

Eis a razão da grande importancia que desfrutam os reprodutores, na criação dos gados.

Quem vai criar bois, cavalos, porcos, ou galinhas vai multiplicar reprodutores. Porque reprodutor é o animal destinado á reprodução; logo da qualidade d'este é que vai depender a qualidade, a produtividade da nossa malhada, da nossa cavallhada, da nossa porcada, do nosso galinhame, e de tudo que pretendemos criar.

O criador que emprega reprodutores ruins não deve admirar-se, em nenhuma hipothese, de ter animais inferiores, feios, mazelentos, improduttivos. Se por um milagre ainda não visto, conseguisse, ao contrário disso, animais de escol, é que sua admiração devia ser imensa e eterna.

O rebanho é portanto o espelho dos reprodutores. E' o seu reflexo. E' a sua consequencia.

A certeza que disso devemos ter deve ser de tal ordem, que até nos casos aparentemente inverosimeis é facil demonstrar-se a sua procedencia, a sua verosmelhança. Quero referir-me aos casos da hereditariedade da aptidão leiteira e da aptidão para a postura, transmitidas pelo touro e pelo galo, respectivamente.

Sabe-se que os touros, filhos de vacas boas leiteiras, possuem a faculdade de transmitir às suas filhas a aptidão leiteira de sua genitora. A mesma coisa acontece com o galo que descende de uma galinha de alta produção. Esse galo tem também capacidade para procriar frangas, onde virá manifestar-se a aptidão poedeira de sua avó, e que passou por seu pai, sem uma expressão exterior por via de incapacidade do sexo deste.

A hereditariedade dessas duas aptidões, como se vê, põe em evidencia o valor do reprodutor que, mesmo sendo incapaz de produzir (leite ou ovos) é entretanto, senhor para transmitir o que vem de cima, isto é, a aptidão leiteira, num caso, e a aptidão para a postura, no outro.

Mudando as palavras, a mesma coisa pode ser dita: se o touro fôr filho de uma leiteira má, transmitirá às suas filhas essa má qualidade. Se o galo fôr gerado por uma poedeira mediocre ou ruim, também passará às suas filhas essa ruim propensão.

Esses fatos que confirmam e exaltam o merito dos reprodutores, por outro lado nos apontam as vantagens que o criador pode tirar deles. Está nas mãos do criador o multiplicar o bom, o mediocre ou o ruim.

Se ele têm ou pode adquirir bons reprodutores, será facil constituir um rebanho de qualidade, economicamente remunerador. Desde que não lhe faltem as condições apropriadas para a criação de determinada especie zootecnica e de determinada raça, é só lançar mão da boa semente e seu exito será fatalmente dos melhores.

Demais, se ele conseguir uns tantos especimes de valor, seja pela sua produtividade, seja pela sua fidelidade ao padrão da raça, facil será formar um gado superior: é só empregar tais especimes como reprodutores. Assim não perderá essa boa semente que lhe veio às mãos.

Poder-se-á sofismar dizendo que um reprodutor de alta linhagem pode não procriar descendentes superiores, *tais sejam as condições de criação*. Não pega o sofisma, porém.

Sabemos que ha certos atributos que exigem a solicitação do meio para sua manifestação. Na classe desses atributos, estão precisamente certas funções economicas dos gados: lactação, precocidade, postura, etc. Ora, se criarmos animais de linhagem precoce sem alimentação adequada, logico será que a precocidade não hade mostrar-se: ela não foi solicitada pelo ambiente. Ao contrário, *este inhibiu sua manifestação*.

Demais sempre será possivel alcançar um melhoramento qualquer, reduzido que seja, em um ambiente criatorio mediocre, se não desprezarmos a questão de fazer produzir sempre o melhor, em detrimento do ruim, do inferior.

Em qualquer caso sempre ha cabimento cuidar de multiplicar, de reproduzir somente o que é bom do ponto de vista economico.

A escolha dos reprodutores é, pois, um desses principios axiomaticos, que constituem a base sobre a qual se deve assentar o edificio do melhoramento zootecnico.

O prof. Hans Moos já uma vez afirmou, com toda sua autoridade, que "o ponto capital na criação consiste em bem escolher os reprodutores. Neglicenciar esta regra será ir a procura do mau exito".

Do ponto de vista biologico, a importancia do reprodutor macho e a do reprodutor femeo equivalem-se, pois para a constituição do novo individuo, macho e femea contribuem geneticamente com igual massa cromosomica. Quer dizer, metade do número de cromosomios da especie é fornecida pelo macho e a outra metade pela femea.

Mas se passarmos ao terreno da prática iremos vêr que as coisas mudam de figura. Isto é, verificaremos que praticamente muito maior é a importancia do macho comparativamente com a da femea.

E' que um macho pode reproduzir-se muito mais vezes, em determinado lapso de tempo, do que umâ femea. Um garanhão, por exemplo, pode gerar 50, 80 descendentes em um ano; e até dez vezes mais, se lançarmos mão da inseminação artificial. Emquanto isso, uma egua só poderá dar origem a um unico poldrinho. Um varrasco, por sua vez, será capaz de

fecundar 30, 50 porcas num ano; uma porca, no entretanto, nesse mesmo espaço de tempo, só produzirá duas barrigadas, ou sejam 10 a 16 ou 20 filhos. E assim por diante, sempre o número de reproduções do macho é mais alto relativamente ao da fêmea, e isso tanto mais quando se tratam de espécies em que esta é unipara.

Por aí vê-se bem quão maior não deve ser a influencia de um reprodutor no melhoramento de um rebanho, do que a de uma fêmea. Mas influencia de ordem prática, repitamos.

Antigamente, quando se não conhecia ainda o mecanismo da hereditariedade mendeliana, dizia-se que a influencia dos reprodutores era diferente, segundo o seu sexo. E Stéphen — escreve ainda hoje Diffloth — acreditava poder definir essa influencia com uma lei precisa, que dizia que o reprodutor macho transmite a *conformação e os caracteres exteriores* (côr da pele, natureza das produções epidermicas); e a fêmea transmite os *orgãos internos e o temperamento*. O sistema nervoso central participaria de ambos os progenitores.

Nasceu tal ideia com Buffon, que para isso se apoiou na observação dos híbridos de equinos com asininos, conforme citação ainda do proprio Diffloth.

Não merece porém, essa ideia, nem a importancia de ser discutida, pois não tem cousa alguma a apoiá-lo. Ao contrario, contra ela ha as leis de Mendel, de verificação corrente tambem no mundo dos animais domesticos.

Pela teoria mendeliana sabemos, então que a influencia de ambos os membros do casal, é biologicamente paralela.

Se o reprodutor parece dominar na caracterização de um rebanho, é por causa do maior número de descendentes que ele gera, como vimos em comparação com a fêmea.

A pelagem, por exemplo, do macho, se tem alguma cousa de característica, é facil ser notada logo sua multiplicação numerosa no conjunto descendentes.

Desta importancia prática do macho resulta uma valorização muito acentuada do reprodutor. Por isso um garanhão vale mais do que uma egua; um touro, mais do que uma vaca; um varrasco, mais do que uma porca; e assim por diante, desde que consideremos a questão do melhoramento do rebanho, a multiplicação mais rapida e mais pronta de tipos melhorados, o que quer dizer mais produtivos, economicamente.

O c t a v i o D o m i n g u e s